

AÇÕES PARABÓLICAS E AÇÕES DE ALINHAMENTO FÍSICO-ESPIRITUAL: PROPOSTA DE DIFERENCIAÇÃO

Carlos Eduardo Brechani⁹

RESUMO

Parábolas e ações parabólicas são duas formas de ensino muito empregadas por Jesus. As parábolas foram utilizadas para traduzir realidades espirituais profundas que não poderiam ser bem compreendidas pelos ouvintes se não fosse por meio de uma analogia com uma situação da vida rotineira. As ações parabólicas, por sua vez, foram encenações dramatizadas de histórias que configuram, em si mesmas, a própria lição que se pretendia ensinar. No primeiro caso há uma história propriamente dita, ou seja, um fluxo narrativo metafórico, enquanto, no segundo, nada era narrado, pois a própria ação já era o ensino. Muitas ações de Jesus consideradas como parabólicas traduzem espanto por parte do leitor porque são bastante dissociadas dos ensinamentos que foram por ele usualmente apresentados. Nesse rol estão a alteração do nome de Pedro, a maldição lançada contra a figueira estéril e a restauração de Pedro após ter negado o Cristo por três vezes. O que há de comum entre estas três passagens e dentre tantas outras que constam do relato bíblico, além da estranheza, é a falta de clareza sobre a lição subjacente ao ato. É possível, por isso, que elas não sejam, verdadeiramente, ações parabólicas propriamente ditas, mas ações que, nesse trabalho, são definidas como “ações de alinhamento físico-espiritual”. Devem ser assim compreendidas todas as ações de Jesus que tinham por finalidade gerar efeitos no âmbito espiritual em razão de uma situação presente no mundo físico. Jesus, basicamente, promovia, por meio de uma ação no âmbito material, uma alteração necessária na seara imaterial. O estudo propõe indagar se essas três ações realmente seriam precipuamente parabólicas e, para isso, ele é dividido em três partes. Na primeira a atenção esteve voltada à definição e à sucinta análise das parábolas e das ações parabólicas. Na segunda, adentrou-se especificamente na análise das ações de alinhamento físico-espiritual, naturalmente precedida de breves apontamentos sobre a relação entre essas duas dimensões. O artigo foi finalizado com considerações finais. O procedimento técnico utilizado foi o bibliográfico, pois foram separados materiais técnicos sobre as parábolas, as ações parabólicas e o mundo espiritual. A abordagem foi meramente qualitativa, ou seja, não houve pesquisas de campo ou outras análises quantitativas. A tipologia é explicativa porque aborda uma problemática e pretende respondê-la; é hermenêutica por ser necessário interpretar os temas ligados ao estudo; e, por fim, dissertativa porque se espera, com um texto argumentativo e expositivo, apresentar ao leitor o ponto de vista do autor.

Palavras-chave: Parábolas; Ações parabólicas; Ações de alinhamento físico-espiritual.

⁹ Mestrando em Teologia pelas Faculdades Batista do Paraná. Especialista em Direito Processual Civil pela Universidade de Taubaté. Pós-graduando em História, Geografia e Arqueologia Bíblica pela Faculdade Batista Pioneira e Moriah International College. Graduado em Teologia pela FABAD – Faculdade Bíblica das Assembleias de Deus. Graduado em Direito pela Universidade de Taubaté. Promotor de Justiça no Ministério Público do Estado de São Paulo. ORCID: 0009-0000-7624-9548. E-mail: cebrechani@hotmail.com

INTRODUÇÃO

Parábolas e ações parabólicas são duas realidades presentes no texto bíblico que são muito próximas entre si. Em poucas palavras, pode-se estabelecer que a parábola é um método de ensino que tem por finalidade traduzir realidades espirituais profundas que não poderiam ser bem compreendidas pelos ouvintes se não fosse por meio do emprego de uma analogia com situações da vida rotineiras do público. A ação parabólica, por sua vez, é igualmente um método de ensino, mas centrado em uma dramatização com uma ação que contém a própria transmissão do estudo pretendido. Logo, a parábola envolve uma narrativa ilustrativa metafórica, as ações parabólicas são a própria encenação da lição que se pretende passar.

Jesus empregou parábolas e ações parabólicas fartamente, os evangelhos são repletos delas. Tamanha é a quantidade que seria impossível descrevê-las no espaço limitado de um artigo. O que importa, para fins desse estudo, é delimitar a atenção em ações parabólicas que causam relativa estupefação ao leitor por estarem bastante dissociadas dos ensinamentos que eram usualmente apresentados por Jesus. Nesse rol estão, por exemplo, a alteração do nome de Simão, a maldição lançada contra a figueira estéril, a restauração de Pedro após ter negado Cristo por três vezes e a escolha dos doze apóstolos.

Nesses quatro casos não fica bem delineado pelo texto bíblico qual seria efetivamente a lição que Jesus pretendia transmitir, diversamente do que ocorre em muitas outras parábolas e ações parabólicas, em que a lição subjacente é nítida, ainda que depois de uma interpretação histórico-cultural. É possível que o foco principal de Jesus ao encenar estas ações não tenha sido, precipuamente, transmitir um ensinamento, mas, diversamente, gerar, com uma ação física na terra, um efeito no mundo espiritual. Nenhuma novidade haveria em reconhecer tal, na medida em que há infinitos exemplos nas Escrituras de como uma ação na Terra produz efeitos no céu: basta, para tanto, observar os resultados da oração.

No Antigo Testamento os exemplos dessa natureza não são raros: ao rejeitarem a invasão da Terra Prometida por verem gigantes (Nm 13.28 - 14.31), por exemplo, os israelitas dissociaram-se do propósito divino e, por isso, às vésperas da conquista de Josué, foram novamente instados a observar os gigantes que habitavam a Canaã para se realinharem ao plano de Deus (Dt 2 e 3). Atividades que possuam essa natureza são aqui denominadas de “ações de alinhamento físico-espiritual” e

devem ser compreendidas, basicamente, como a ação de Jesus de preparar ou corrigir, por meio de uma ação no mundo material, uma condição presente no mundo espiritual.

O estudo será dividido em três partes. Na primeira, a atenção estará voltada à definição e sucinta análise das parábolas e ações parabólicas. Na segunda, adentrar-se-á especificamente nas ações de alinhamento físico-espiritual, naturalmente precedida de breves considerações sobre a relação entre as duas dimensões. O artigo será finalizado com considerações finais.

O procedimento técnico utilizado será o bibliográfico, pois são separados materiais técnicos sobre as parábolas, as ações parabólicas e o mundo espiritual. A abordagem será meramente qualitativa, ou seja, não haverá pesquisas de campo e outras análises quantitativas. A tipologia é explicativa porque aborda uma problemática que, em síntese, consiste na indagação sobre serem as três passagens acima, verdadeiramente, uma ação parabólica; é hermenêutica por ser necessário interpretar os temas ligados ao estudo; e, por fim, dissertativa porque se espera, com um texto argumentativo e expositivo, apresentar ao leitor o ponto de vista do autor.

1. PARÁBOLAS E AÇÕES PARABÓLICAS: BREVE ANÁLISE

Macarthur (2016, p. 06) define parábolas como “[...] metáforas engenhosamente simples que transmitiram lições espirituais profundas”. Para Kunz (2021a, p. 13), parábola é a forma de explicar uma coisa desconhecida do público por meio de uma analogia com algo que era dele conhecido. Sproul (2017, p. 03) entende-a de modo semelhante: “Para ilustrar uma verdade que ele está ensinando, Jesus coloca uma parábola ao lado dela”. Ações parabólicas, por sua vez, no entender de Kunz (2021b, p.10), são condutas praticadas por Jesus em que o ensino está nelas próprias contido. Desse modo, a diferença entre estas e aquelas é que nas parábolas há uma narrativa construída a partir de uma analogia que permite a compreensão da mensagem pelos ouvintes, ao passo que, nas ações parabólicas, há meramente uma ação encenada com esse mesmo propósito.

Nos dois casos, fica nítido que o foco primordial era facilitar a transmissão de um conhecimento que seria de difícil compreensão caso exposto diretamente. Nada mais do que um método de instrução oral (Kunz, 2021a, p. 16), uma metodologia de exposição (Kunz, 2021b, p. 07,16). Por isso, parábolas e ações parabólicas são

usualmente agrupadas dentro de um mesmo grupo de didática de ensino (Sproul, 2017, p. 01).

Há teólogos que enxergam nas parábolas um conteúdo maior do que o meramente expositivo. Blomberg afirma que elas também tinham por finalidade "[...] subverter a tradição e a expectativa religiosas convencionais" (Blomberg, 2009, p. 338). Jonathan Edwards nelas enxerga muitas representações simbólicas e, por isso, define a parábola como um discurso simbólico enigmático (Edwards, 2024, p. 03). Nos dois casos, todavia, a intenção última de transmitir um ensino permanece presente.

Há ações parabólicas em que essa condição não fica claramente transparecida. É evidente que de qualquer texto bíblico é possível inferir lições, mas nas parábolas e ações parabólicas não há uma intensa alegorização, ou seja, não é necessário fazer incursões imaginativas sobre o que Jesus pretendia ensinar. Diversamente, a lição fica bem evidenciada na narrativa, principalmente quando se compreende o contexto cultural, histórico e geográfico da época. Na parábola do bom samaritano, por exemplo, é muito fácil perceber que a mensagem pretendida era o meio de se herdar a vida eterna.

Por meio das parábolas e das ações parabólicas Jesus descortinava ao público o Reino de Deus (Blomberg, 2009, p. 338). É bem verdade que nem todos estavam aptos para conhecer tais mistérios (Mt 13.11-13), mas, ainda assim, a verdade estava nelas embutidas. Entretanto, nas quatro ações parabólicas destacadas para esse estudo não fica bem clara essa tendência: afinal, na alteração do nome de Pedro, na maldição da figueira estéril, na restauração de Pedro e na escolha dos doze apóstolos, que realidades do Reino dos Céus estariam sendo ensinadas por Jesus? Importa, portanto, investigá-las.

A alteração do nome do apóstolo Simão para Pedro é descrita em Mateus 16.18 e em João 1.42. Após confessar Jesus como o Cristo, seu nome é mudado de Simão para *Petros* que, no grego, deriva de *Petra*, significando "pedra". Poder-se-ia concluir que se trata de uma ação parabólica em que Jesus dramatiza uma lição por meio de ação concreta por ele executada. A questão se nos depara: qual a lição que Jesus pretendia transmitir acerca do Reino dos Céus? Qual é o ensino oculto pela ação?

Na maldição da figueira o espanto é patente. Em Mateus 21.18-22 é dito que Jesus voltava de Betânia para Jerusalém e, no caminho, teve fome. Ao ver uma figueira, dela se aproximou para comer o fruto. Achando-a infrutífera, amaldiçoou-a,

dizendo que nunca mais frutos nela nasceriam. Para Kunz (2021b, p. 141), trata-se de uma ação parabólica com a finalidade de transmitir um ensino específico: a mensagem do julgamento divino atual e futuro contra uma nação descrente e, portanto, estéril (Kunz, 2021b, p. 141). O espanto não é olvidado pelo autor, uma vez ser uma conduta bastante dissociada dos ensinamentos de Jesus (Kunz, 2021b, p. 144-145).

No episódio da restauração de Pedro o questionamento chega a ser angustiante. Em João 18.15-18,25-27 o apóstolo Pedro negou Cristo por três vezes, como Jesus o advertira anteriormente. Em João 21.9-17, depois de ressuscitado, Jesus o restaurou, indagando-lhe por três vezes se ele verdadeiramente o amava. Qual o ensino sobre o Reino dos Céus que Jesus pretendia transmitir nessa passagem?

Por fim, a escolha dos apóstolos está sintetizada em Marcos 3.13-19. Por que Jesus optou por doze? Qual a razão subjacente a este número? Qual a lição que pretendia transmitir?

A falta de transparência dos ensinamentos pretendidos e a falta de conexão com o Reino dos Céus podem sugerir que, ao menos nesses quatro casos, Jesus não tivesse o propósito precípua de ensinar qualquer lição. As ações de Jesus parecem estar mais voltadas à promoção de um efeito no mundo espiritual ou, por assim dizer, a promover um “alinhamento físico-espiritual”. É desse assunto que trata o tópico a seguir.

2. AÇÕES DE ALINHAMENTO FÍSICO-ESPIRITUAL

Para discutir o que seria uma ação de alinhamento físico-espiritual são necessários alguns apontamentos prévios sobre o que são os âmbitos físico e espiritual. O mundo do modo como o conhecemos foi criado por Deus exatamente como consta do livro de Gênesis (1.3-27): Ele fez o dia e a noite; separou as águas da terra; criou as ervas, as árvores frutíferas, os répteis, as aves e todos os animais; e, por fim, fez o próprio homem. Este é o universo material em que vivemos.

Se Deus foi o criador deste mundo, é natural concluir que Ele não está a ele limitado a – pois, sendo criador, não poderia ser criatura. Ele está acima do universo estabelecido, subsiste e preexiste à Criação. Este raciocínio lógico é sustentado por alicerce bíblico: Jó é indagado sobre onde estava quando Deus fundava a terra (Jó 38.1-11); o salmista exclama que antes dos montes nascerem e da terra e do mundo

serem formados o Senhor já era Deus (Sl 90.2); Isaías afirma que antes de existir o dia o Senhor é (Is 43.13); o apóstolo Paulo garante que Ele é antes de todas as coisas (Cl 1.17).

Se Deus criou os céus e a Terra e tudo mais que existe no mundo físico, estando Ele fora do universo criado, a pergunta que naturalmente se apresenta é: em qual mundo vive Deus? A resposta é simples: no mundo espiritual. Habitaria Deus, na Terra? É o que indaga o autor do livro de 1Reis (1Rs 8.27). Jesus, na mesma linha, diz que o Pai está nos céus (Mt 6.9).

Há dois universos absolutamente diversos e distintos entre si: o natural, habitado pelo ser humano e demais seres físicos criados, e o espiritual, paralelo e à margem da existência física, onde habitam a Trindade e os seres espirituais por ela trazidos à existência. Essa outra dimensão convive simultaneamente com a esfera física, embora não seja visualmente perceptível. O pouco que dela se sabe é fruto da Graça de Deus, mas, naturalmente, de forma limitada, já que as coisas encobertas pertencem ao Senhor (Dt 29.29). A promessa é que um dia o que está por ora velado será visto face a face (1Co 13.12).

Os dois mundos são paralelos e coexistem concomitantemente, embora sejam bem distintos entre si. Apesar disso, há muitos pontos de contato entre ambos. O princípio da semeadura, por exemplo, pelo qual todos colhem aquilo que plantam, é aplicável tanto no mundo físico quanto no espiritual (Gl 6.7; Jó 4.8; Pv 22.8). Ademais, a Bíblia demonstra que muitas ações praticadas na Terra possuem reflexo direto no mundo espiritual. Um grande exemplo dessa interconexão está na oração: Salmos 34.17 diz que o Senhor ouve o clamor dos justos e os livram das angústias e Apocalipse 8.4 narra o agir do anjo que levou a fumaça do incenso com as orações dos santos ao Senhor.

Há outros casos: a humilhação (2Cr 7.14) e a súplica (Tg 5.16-18; Fp 4.6,7) são nítidas formas de interrelação. No Antigo Testamento, o sonho de Jacó com uma escada que se estendia da terra até os céus e onde anjos por ela subiam e desciam (Gn 28.10-22) avaliza a conclusão de que há relação íntima entre os mundos físico e espiritual. No passado, houve uma época em que esses dois mundos não só mantinham proximidade, mas estavam verdadeiramente alinhados: no Éden, quando o Senhor visitava Adão e Eva na viração do dia. O pecado, porém, contaminou toda a

criação terrestre e parte da espiritual, razão pela qual nunca mais houve uma conexão plena.

Em alguns momentos esses mundos estiveram próximos: quando a Lei foi dada a Moisés no Monte Sinai e o Senhor ali se encontrava (Êx 24) e quando do nascimento de Jesus, momento em que os anjos entoavam louvores (Lc 2.8-14); em outros, estiveram muito afastados, como no período pré-diluviano, quando a maldade alcançou índices indescritíveis (Gn 6), e no período intertestamentário, quando o Senhor ficou quatrocentos anos sem enviar profetas a Israel.

No momento em que Jesus veio à Terra o mundo espiritual invadiu o natural abundantemente. A obra de Cristo, praticada na Terra, tem uma dimensão espiritual tão profunda que chega a ser impossível de compreensão pela mente humana. Ela possui um aspecto cultural ou cerimonial, revelando que foi propiciatória (Rm 3.24,25; Hb 2.17; 1 Jo 2.1,2; 4.10) e expiatória (Stott, 2006, p. 150-151); uma faceta mercantil, por ser resgatadora do homem da condição de escravo do pecado (Hb 2.15; 1 Pe 1.18), ou seja, foi remissiva (Pearlman, 2006, p. 209); um lado forense, por ter cumprido a pena em nosso lugar (Strong, 2007. p. 1495); foi relacional, por ter reconciliado o homem com Deus (Rm 5.1,2; Hb 10.7,19,20); foi regeneradora, por criar um novo espírito (Jo 3.3,7,8; 1 Jo 5.1).

Jesus veio para a terra resolver um problema espiritual do homem, livrando-o da maldição do pecado, regenerando seu espírito, livrando-o da escravidão espiritual, reconciliando-o com o Pai. Nenhuma dúvida há de que se trata de ações praticadas na terra com a finalidade evidente de gerar efeitos nos céus. Nesse contexto é que podem estar inseridas as ações praticadas por Jesus que, classificadas como parabólicas, seriam, na verdade, mais uma conduta física visando a gerar efeitos espirituais.

Em outros termos, há uma dimensão da obra de Jesus por ele praticada na Terra, quando esteve em carne, que pode estar relacionada diretamente com a preparação ou a correção de algo no mundo espiritual. Não seria nada espantoso, pois ele claramente agiu desse modo em vários momentos. No Sermão do Monte, por exemplo, momento em que apresentou ao público, de forma direta e desvelada, sem o uso de parábolas ou de quaisquer figuras de linguagem, as condições que eram exigidas dos discípulos para a entrada no Reino dos Céus (Chafer, 2023, p. 49), Jesus

limpou completamente a interpretação deturpada que os rabinos haviam feito da Lei para revelar qual era, exatamente, a vontade de Deus quando dera os mandamentos.

Ao assim agir, Jesus ajustava a vontade de Deus à percepção que as pessoas sobre ela tinham, ou seja, alinhava o mundo físico ao espiritual. Seu propósito era permitir que os discípulos fossem perfeitos como perfeito é o Pai que está nos céus” (Darby, 2019, p. 46), algo que somente seria possível se a assincronia fosse reparada. Outro alinhamento ocorreu ao ser dada à Igreja, representada por Pedro, o poder de ligar na terra o que é ligado nos céus e de desligar nos céus o que é desligado na terra (Mt 16.19).

Não se trata de mera conjectura desprovida de suporte bíblico, pois o próprio Cristo disse que havia muito por saber, mas a mente humana não era capaz de suportar (Jo 16.12). O alimento sólido, ou seja, as verdades profundas sobre o reino espiritual, é reservada apenas para os maduros (Hb 5.12-14) e para os espirituais (1Co 3.1,2) e, naquele momento, nem mesmo o Espírito Santo havia sido derramado sobre os discípulos. Ademais, se aqueles que conviveram pessoalmente com Jesus e com o apóstolo Paulo não tinham condições de compreender tais verdades, o que se dizer dos cristãos do século XXI, envoltos em uma atmosfera pós-moderna de antropocentrismo e de relativização exacerbada.

O fato é que há muitas passagens bíblicas que são interpretadas como sendo ações parabólicas – e, conseqüentemente, como ensinamentos dramatizados – que podem ser, em vez disso, uma “ação de alinhamento físico-espiritual”. No primeiro dos três casos destacados - a alteração do nome de Simão para Pedro -, Jesus não parecia querer transmitir um ensino específico, mas concretizar, na Terra, o ministério que já havia sido designado a Pedro nos céus.

A alteração de nomes na Bíblia não foi iniciada por Jesus, trata-se de uma realidade presente desde o Antigo Testamento. Abrão, por exemplo, passou a chamar-se Abraão (Gn 17.5): Abrão significa “pai exaltado” ou “pai abençoado”, Abraão significa “pai de muitas nações”. Com a mudança, o Senhor mostrava que ele estava destinado a cumprir um propósito divino na terra que resultaria na formação de uma multidão de filhos dos céus. A mesma alteração ocorreu com Sarai, que passou a ser chamada de Sara (Gn 17.15); com Jácó, que passou a ser chamado Israel (Gn 32.28); e com Saulo, que foi chamado Paulo (At 13.9).

A alteração é muito significativa porque demonstra domínio e transformação espiritual. No Éden, o Senhor levou a Adão várias espécies de animais para que ele lhes desse nome porque essa era uma decorrência natural da condição de dominador (Gn 2.19,20). Ao dar um nome para o escolhido, o Senhor demonstrava que a pessoa separada era sua serva obediente e que houve uma alteração profunda no seu espírito. É como se o Senhor bradasse a todo o mundo espiritual: “este é meu servo, eu domino sobre ele, seu propósito será cumprir minha vontade na terra”. A importância dessa alteração de nomes se deduz até mesmo na promessa futura de que os fiéis terão um novo nome nos céus (Ap 2.17).

Na segunda das ações Jesus amaldiçoa a figueira, uma clara referência a Israel. Nesse caso, o ensino não está tão oculto: talvez seja, dentre as três histórias separadas para esse artigo, aquele em que ele fica mais dedutível. Jesus queria demonstrar que Israel era estéril e sem frutos e que, por isso, o juízo era iminente. Ainda que se concluísse que esse era seu propósito, o caso guardaria muitas especificidades se comparado com as demais parábolas e ações parabólicas de Jesus.

O juízo a Israel era uma lição essencial justamente para os fariseus e mestres da lei. Eles é que deveriam ter consciência do fracasso a que sujeitaram à nação. Ocorre que no dia anterior Jesus estava em Jerusalém e, ao sair da cidade rumo a Betânia, deixou os principais dos escribas e sacerdotes (Mt 21.15-17). No dia seguinte, pela manhã, é que tomou rumo novamente para Jerusalém, quando teve fome (Mt 21.18). Nota-se, pelo contexto, que ele estava junto apenas de seus discípulos, os fariseus não estavam presentes. O versículo 20 de Mateus 21 atesta que somente os discípulos foram as testemunhas do ato, já que somente depois, quando chegaram ao Templo, é que os príncipes dos sacerdotes e os anciãos do povo se achegaram a Jesus para testá-lo (Mt 21.23-27; Mt 22.23-33,34-40).

Nesse contexto, por qual motivo Jesus teria apresentado o estudo apenas para seus discípulos, privando os fariseus da advertência? Em várias parábolas anteriores Jesus se dirigiu expressamente a eles, em tom de admoestação. Além disso, os escribas e fariseus foram posteriormente repreendidos severamente por Jesus, no mesmo dia, em um discurso longo e contundente, proferido em alta voz e sem o emprego de qualquer metáfora (Mt 23.1-36). Vale dizer, Jesus não pretendia ocultar deles o juízo iminente, tanto que sobre o tema falou abertamente, embora tenha,

paralelamente à admoestação, feito uso de três parábolas sequenciais (Mt 21.28-32; 33-45; 22.1-14).

Poder-se-ia sugerir que Jesus queria transmitir aos seus discípulos o ensino sobre o juízo de Israel. Entretanto, essa conclusão não explicaria porque, naquele mesmo dia, depois de sair do templo e ir até o Monte das Oliveiras, Jesus lhes teria apresentado o conhecido sermão escatológico que consta de Mateus, capítulos vinte e quatro e vinte cinco. Ora, se esse discurso seria realizado de forma tão explícita, não haveria razão de ocultar a mensagem em forma de uma ação parabólica no mesmo dia, pela manhã.

Esse conjunto de circunstâncias sugere que a verdadeira relevância do ato não seria o ensino a ser transmitido, mas a importância do próprio ritual em si que, no mundo material, alinhou o encerramento do ministério da nação de Israel ao projeto que já havia sido determinado no mundo espiritual (Is 42.6,7; 49.6; Rm 9.30-33; 11.17-24). O fato ocorreu na última semana do ministério de Jesus, pouco antes de sua crucificação, a reforçar que esse era o momento derradeiro para a ação. Jesus, mais do que demonstrar ao povo que o juízo sobre uma nação ímpia e estéril era iminente, pretendia sacramentar o fim do ministério de Israel sobre a terra e, para tanto, era necessário que um ato simbólico fosse realizado no mundo físico.

Em continuação, Jesus restaurou Pedro. Ao negar Cristo três vezes, o apóstolo gerou um forte efeito no mundo espiritual: aquele que primeiramente confessara Jesus como o Messias e que recebera de Jesus a promessa de que sobre tal fé seria edificada a Igreja havia, em alto e bom som, por três vezes repetidas, rejeitado Jesus. Para que essa atitude fosse sanada no mundo espiritual, Jesus reconstruiu, depois de sua ressurreição, um cenário muito parecido com o presente no momento da negação.

Durante a prisão de Jesus, Pedro o negou estando diante de um “fogareiro” (Jo 18.18). A palavra grega aqui traduzida é *anthrakia*, empregada apenas duas vezes nas Escrituras. Seu segundo uso ocorre justamente no momento em que Jesus preparou um fogareiro, ou seja, *anthrakia*, antes dos discípulos o reconhecerem e saltarem em terra. Do mesmo modo que Pedro negou Cristo três vezes, ele foi instado a, por três vezes, dizer que o amava. Nota-se que o fogareiro e a repetição da confissão por três vezes formam cenários paralelos indissociáveis. O desalinhamento espiritual gerado com a negação foi devidamente reparado com a confissão.

Por fim, a escolha dos doze revela a reassunção de um propósito divino que há tempos havia sido abandonado por Israel: abençoar todas as famílias da terra por meio de Abraão. Inicialmente, não há como escapar na inalienável conclusão de que o número doze é uma clara referência a Israel, já que eram doze as suas tribos. Inúmeros são os versículos bíblicos nesse sentido: Gênesis 35.22-26; Êxodo 24.4; Números 1.44; 13.2; Josué 4.8,9.

Superada essa observação, deve-se recordar que o Senhor, ao escolher um povo para si, disse que, por meio de Abraão, todas as famílias da terra seriam benditas (Gn 12.3). Deus criou uma nação para si mesmo e, por meio dela, os demais povos seriam abençoados. Israel, porém, abandonou esse propósito, deixou de levar a palavra de Deus para os demais povos. Mais do que isso, foi uma nação exclusivista que rejeitou os gentios, como se nota de Jonas 1.1-3, tornando-se até mesmo pior que os povos vizinhos, como admoestaram Ezequiel (Ez 5.5-7) e Malaquias (Ml 2.8,9). Na época de Cristo essa condição não alterou: Jesus advertiu os fariseus porque fechavam o Reino dos Céus para os não judeus (Mt 23.13). Pedro, no mesmo sentido, também reconheceu implicitamente que os israelitas consideravam os gentios impuros (At 10.28). Ao escolher os apóstolos, Jesus pretendia superar esse desalinhamento da nação com o propósito de Deus.

Com essa postura, Israel afastou-se do plano de Deus. Houve uma dissonância entre o que ocorria na Terra e o que o Senhor pretendia nos céus. Jesus, em seu ministério terrestre, precisava extinguir o desalinhamento. Por isso é que escolheu doze apóstolos, um número representativo de Israel: do mesmo modo como Deus fizera no passado, Jesus separou a nação de Abraão para si. Por meio dela, abençoaria as demais famílias da terra. Por isso é que, na sequência escolheu outros setenta discípulos, dentre os judeus, para que curassem e expulsassem demônios (Lc 10.1,9,17). O número setenta é representativo das nações porque esse é justamente o número de povos que consta de Gênesis 10, a chamada “Tábua das Nações”.

O que os judeus haviam rejeitado, Jesus corrigiu. As boas novas de Cristo não seriam limitadas apenas aos judeus, também alcançariam todas as famílias da terra. Todavia, era necessário começar por Israel para, somente por meio dela, alcançar as demais nações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo das ações parabólicas é um terreno árido por não existir farta literatura sobre o tema. Não há como estabelecer, com absoluta segurança, quais condutas poderiam ser incluídas nesse rol e qual era o ensino verdadeiramente visado por Jesus. Apesar disso, é possível, a partir do presente estudo, refletir se algumas dessas ações poderiam ser categoria à parte, não integrante do grupo “metodologia de ensino”, mas do ramo específico das “ações materiais com objetivos espirituais”.

O mundo espiritual é uma realidade inafastável, anjos e demônios existem indubitavelmente. O que não é capaz de ser plenamente alcançado pela mente humana é a forma como os âmbitos físico e imaterial se relacionam entre si e quais os reflexos lá causados por ações aqui praticadas. Que há relação entre ambos nenhuma dúvida há e a Bíblia tem muitos exemplos disso. A proposta de identificar algumas ações de Jesus como sendo de “alinhamento físico-espiritual” é inicial e incipiente, mas serve como sugestão para um aprofundamento da temática mediante a análise de outras ações tidas como parabólicas com esse foco.

REFERÊNCIAS

BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada**: Almeida Corrigida Fiel. [s.l.: s.n], [s.d.]. Disponível em <https://www.bibliaonline.com.br/acf> em 07 out. 2024.

BLOMBERG, Craig L. **Introdução aos evangelhos**: uma pesquisa abrangente sobre Jesus e os 4 evangelhos. Tradução de Sueli da Silva Saraiva. São Paulo: Vida Nova, 2009.

CARSON, D. A. **Encontro com a palavra de Deus**. Campina Grande: Visão Cristã, 2018. E-book Kindle.

CHAFER, Lewis S. **The kingdom in history and prophecy**. Toronto-Canadá: Soujourner Press, 2023. E-book Kindle.

DARBY, John Nelson. **Comentário bíblico do Novo Testamento: Mateus a Apocalipse**. Tradução de Martins do Vale. [S.l.]: São Paulo: Boa Semente, 2019. E-book Kindle.

SPROUL, R. C. **What do Jesus' parables mean?** Sanford, FL: Reformation Trust, 2017. (crucial questions).

STRONG, Augustus H. **Teologia sistemática**. Tradução de Augusto Victorino. São Paulo: Hagnos, 2007. Vol. 2.

STOTT, John. **A cruz de Cristo**. Tradução de João Batista. São Paulo: Vida, 2006.

PEARLMAN, Myer. **Conhecendo as doutrinas da Bíblia**. Tradução de Lawrence Olson. São Paulo: Vida, 2006.

EDWARDS, Jonathan. **Cristo no Antigo Testamento**. [S.l.]: Penkal, 2024. E-book Kindle.

KUNZ, Claiton A. **As parábolas de Jesus e seu ensino sobre o Reino de Deus**. Ijuí: Faculdade Batista Pioneira, 2021a. E-book Kindle.

KUNZ, Claiton A. **As parábolas de Jesus e seu ensino sobre o Reino de Deus**. Ijuí: Faculdade Batista Pioneira, 2021b. E-book Kindle.

MACARTHUR, John. **As parábolas de Jesus: os mistérios do Reino de Deus revelados nas histórias contadas pelo Salvador**. Tradução de Markus Hediger. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2016. E-book Kindle.